

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: 375

Data 19 de Junho de 1992 Pg.: 4-8

QUADRINHOS

Gibi mostra maldades do bom selvagem

Adi Leite

ROGÉRIO DE CAMPOS

Especial para a **Folha**

O NEGÓCIO DO SERTÃO (COMO DESCOLAR UMA GRANA NO SÉCULO 17) - Texto e desenho: André Toral. 60 páginas, Cr\$ 9.000,00. Editora Dealer, r. Luis Góes, 672, zona sul de São Paulo. Nas bancas a partir da próxima semana.

O antropólogo André Toral, 34, foi ao sertão, acompanhou a trajetória dos bandeirantes paulistas, pesquisou arquivos e, em vez de escrever uma tese, desenhou uma história em quadrinhos estrelada por vilões heróicos, os bandeirantes, e vítimas cruéis, os índios. De tabela redescobriu a aventura para os quadrinhos brasileiros.

Em sua graphic novel "O Negócio do Sertão - Como Descolar Uma Grana no Século 17", André Toral mostra a vida difícil dos bandeirantes, fala de incesto entre índios e da violenta luta entre jovens e velhos em uma aldeia de caiapós. A história começa em 1653, em uma São Paulo onde as mulheres andam encapuçadas e raramente vão às ruas e onde se fala mais o tupi que o português. Em alguns cantos da cidade, cadáveres de índios apodrecem a céu aberto e seus pedaços são disputados por cachorros.

"Negócio do Sertão" é como seus habitantes chamam a respeitável atividade comercial de caçar

e escravizar índios. É o "remédio para a pobreza". Em 1653, mesmo esse "negócio do sertão" está em decadência. As grandes expedições de milhares de pessoas já são coisa do passado. Mas ainda não surgiu alternativa melhor de se ficar rico rapidamente. O paulista Antônio Gonzalez não aguenta mais carne de cutia. Quer tirar o pé da lama, ir ao sertão e conseguir uma multidão de índios que trabalhe para ele. Arruma dinheiro emprestado e organiza sua expedição: três índios, três mestiços, um português e dois paulistas. Um grupo de desesperados assaltantes, na melhor tradição Sam Peckinpah. No sertão, além de enfrentarem os índios, têm que lutar contra a própria natureza, as traições internas, doenças e pior, a feitiçaria índia. Disso Toral entende: sua tese de mestrado na UFRJ foi justamente a respeito da religião karajá.

O interesse de Toral pela história de São Paulo é antigo. "Quando eu era criança, minha mãe (a historiadora de arte Aracy Amaral) escreveu uma tese a respeito da influência espanhola na arquitetura paulista e eu a acompanhei nas viagens que ela fez pelas antigas missões paraguaias."

Enquanto "Negócio do Sertão" não chega às bancas, o desenho de Toral pode ser visto na exposição "Índios no Brasil: Alteridade,

Diversidade e Diálogo Cultural", inaugurada no último domingo no Pavilhão da Bienal (parque do Ibirapuera). "O Caso dos Xis", uma HQ criada pelo desenhista a pedido dos curadores da exposição, ilustra o bloco dedicado ao problema da demarcação das terras indígenas. "Mas eu não quis fazer uma HQ didática, quis fazer uma HQ legal", diz Toral. "O Caso dos Xis" cumpre o objetivo do desenhista: é legal, tem ação, tiros, suspense e nenhuma tentativa de transformar índios em santos. "Minha história não é aquela xaropada de 'índio bacana vivendo em harmonia com a natureza'. A relação do índio com a natureza é íntima e como toda relação íntima, é tensa. O mundo, para eles, é um caldo espesso cheio de espíritos."

"O Caso dos Xis" fala de uma tribo fictícia, mas é fácil identificar, por exemplo, referências ao massacre de trabalhadores da fazenda Espadilha, em 1980, por índios caiapós. "É cascata dizer que índios não são violentos. É uma sociedade muito violenta. Um antropólogo francês fez uma pesquisa e mostrou que 40% dos ianomami são homicidas. Os índios vivem sob outro código social, mas fazem as mesmas cagadas, as mesmas brutalidades que os brancos." O próximo projeto do desenhista é uma graphic novel a respeito da Guerra do Paraguai. Ele promete que a história terá bastante sacanagem.



O antropólogo e quadrinista André Toral, autor da graphic novel "O Negócio do Sertão"